



2

ELLERY QUEEN
VIVENDA CALAMIDADE

tradução de
LINO VALLANDRO

LIVROS DO BRASIL

PRIMEIRA PARTE

I

MR. QUEEN DESCOBRE A AMÉRICA

Rodeado de bagagem até aos joelhos, na plataforma da Estação de Wrightsville, Ellery Queen pensou: «Isto faz de mim um almirante. O almirante Colombo.»

A estação era um edifício acachapado, de tijolo vermelho-escuro. Numa vagoneta ferrugenta, debaixo do beiral, dois rapazi-nhos de macacões rotos de cor azul balançavam as pernas sujas e mascavam pastilha elástica cadenciadamente, fitando nele os olhos inexpressivos.

Em torno da estação, o saibro estava mosqueado de dejeções de cavalos. Casas de madeira de dois andares e pequenas lojas apoucadas, que lembravam barris de bolachas, aglomeravam-se a um dos lados dos trilhos — o lado da cidade, pois estendendo o olhar por uma rua íngreme, calçada com paralelepípedos, Mr. Queen podia divisar, além, construções mais elevadas e a traseira larga de um autocarro que se afastava.

Do outro lado da estação, não se via mais do que uma garagem, uma velha carruagem com o letreiro REFEITÓRIO PHIL, e uma forja com tabuleta luminosa a néon. O resto era vegetação e encanto.

«O campo é atraente, caramba», murmura Mr. Queen, entusiasmado. Verde e amarelo. Cores de palha. E céu azul, e nuvens brancas — do azul mais azul e do branco mais branco que ele se lembrava de ter visto.

Cidade — campo; e é aqui que se encontram; é aqui que a Estação de Wrightsville atira o século xx à face atónita da terra.

«É isso, meu rapaz. Achaste!»

— Carregador!

Nem a portaria do Hollis Hotel, nem a da Upham House ou a do Kelton podiam oferecer ao recém-chegado um miserável quartinho. Ao aparecer, a era da prosperidade chegara a Wrightsville dois pulos adiante de Mr. Queen. O último quarto disponível do Hollis foi-lhe arrebatado nas suas barbas por um homem corpulento que cheirava a material bélico a léguas de distância.

Sem desanimar, Mr. Queen depositou as malas no Hollis, lanchou sossegadamente e na cafetaria leu um número do *Wrightsville Record* — editor e proprietário, Frank Lloyd.

Gravou na memória todos os nomes mencionados no *Record* que pareciam pertencer a notabilidades locais, comprou dois maços de *Pall Mall* e uma planta das ruas de Wrightsville a Grover, filho de Mark Doodle, na tabacaria, e saiu a caminhar, sob o sol ardente, através da praça, calcetada com redondas pedras vermelhas.

Junto ao bebedouro situado no centro da praça, Mr. Queen deteve-se para admirar o *Fundador Wright*. O *Fundador Wright*, antigamente uma estátua de bronze, mostrava-se coberto agora de musgo, e o bebedouro de pedra sobre o qual se achava, evidentemente, estava fora de uso há muitos anos. Havia dejeções de pássaros incrustadas no nariz ianque de Wright. As palavras de uma placa diziam que Jezreel Wright fundara Wrightsville no lugar de uma povoação abandonada pelos índios, no ano da graça de 1701, e que tinha lavrado a terra, levantado uma granja e prosperado. As nobres janelas do Banco Nacional de Wrightsville, John

F. Wright, Pres., sorriam para Mr. Queen, que devolveu o sorriso: «Ó pioneiros!»

Começou então a circum-navegar a redonda praça; espiou para dentro da loja de artigos para homens, de Sol Gowdy; de Dunk MacLean — bebidas finas; e de William Ketcham — seguros; contemplou as três bolas douradas por cima do estabelecimento de J. P. Simpson e os vasos com líquido verde e vermelho na vitrina da farmácia da Aldeia Alta, Myron Garback, Prop., e voltou-se a fim de observar as vias públicas que partiam da praça como os raios de uma roda.

Um dos raios era constituído por uma larga avenida: a Câmara Municipal, a Biblioteca da Fundação Carnegie, uma nesga do parque, altas árvores suplicantes e, mais além, um grupo de edifícios novos, brancos, provavelmente destinados a produção bélica. Outro dos raios era uma rua ladeada de casas de negócios e cheia de mulheres em roupas caseiras e homens em vestimenta de trabalho. Consultando o mapa, Mr. Queen verificou que aquela artéria comercial era Lower Main; para lá se dirigiu.

Encontrou as oficinas do *Record* e, espreitando, viu o velho Phinny Baker a limpar o enorme prelo, depois do trabalho da manhã. Subiu tranquilamente Lower Main, passou pelo novo edifício dos Correios, pelo Teatro Bijou, pela agência de imóveis de J. C. Pettigrew e entrou na sorveteria de Al Brown, onde tomou um sorvete *New York College*, ao mesmo tempo que escutava as conversas de rapazes morenos e rosadas garotas em idade liceal. Ouviu combinarem-se «entrevistas» à direita e à esquerda — para Danceland, no Grove, que, segundo inferiu, estava situado em Wrightsville Junction, a cinco quilómetros, pelo caminho de ferro, entrada um dólar por cabeça, e: «por amor de Deus, Marge, vê se fazes que tua mãe fique longe dos automóveis, sim? Eu não quero que nos apanhem como há duas semanas, e que você comece a berrar!».

Mr. Queen vagueou pela cidade, satisfeito com o que via e aspirando profundamente o aroma de folhas molhadas e de madressilvas. Gostou da águia empalhada, no vestíbulo da Biblioteca Carnegie; gostou até de Miss Aikin, a madura bibliotecária-chefe, que lhe deitou um olhar severo, como se quisesse dizer: «Experimente surripiar um livro daqui...» Gostou das vielas sinuosas da Aldeia Baixa e entrou no armazém de Sidney Gotch, a pretexto de comprar um pacotinho de pastilhas elásticas *Old Mariner*, mas, na realidade, para aspirar o cheiro do café, dos sapatos de borracha e do vinagre, dos queijos e do petróleo.

Gostou da oficina mecânica de Wrightsville, que acabava de reabrir, e da velha fábrica de fiação de algodão, quase em frente ao Monumento Comemorativo da Grande Guerra, da Aldeia Baixa. Sidney falou-lhe da fábrica. Tinha sido uma fiação de algodão, depois um edifício desocupado, mais tarde uma sapataria e, logo, outra vez uma casa vazia. Mr. Queen podia ver por si mesmo os buracos e estilhaços nos vidros das janelas, onde os garotos da Aldeia Baixa atiravam pedras, no verão, e bolas de neve, no inverno, de passagem para aquela casa coberta de trepadeiras, lá na Lower Dade Street — a Escola Paroquial de S. João. Mas agora havia guardas rondando a fábrica, de longos e volumosos coldres presos à perna e olhos duros de quem não estava para brincadeiras; os garotos, dizia Sidney Gotch, só gritavam «Yahhhh!» e iam desforrar-se na loja de géneros alimentícios de Mueller, três portas adiante, perto da esquina de Whistling Avenue.

E a manufatura de lã contratara novos operários — encomendas para o Exército.

— Maré-cheia, amigo! Não é de admirar que o senhor não conseguisse quarto. Agora mesmo veio um meu tio de St. Paul e um primo de Pittsburgh, para trabalhar comigo e Betsy!

Em resumo, Mr. Queen gostou de tudo.

Ergueu os olhos para o relógio grande da torre da Câmara Municipal. Duas e meia. Não há alojamentos, hem?

Apressando o passo, tomou novamente por Lower Main Avenue e não parou nem olhou para parte alguma, até chegar ao estabelecimento que tinha a placa: J. C. PETTIGREW, IMÓVEIS.

VIVENDA CALAMIDADE

Com os seus sapatos número quarenta e quatro pousados na escrivaninha, J. C. dormitava quando Mr. Queen entrou. Chegara havia pouco do lanche semanal da Câmara de Comércio, celebrado na Upham House, e estava empanturrado da galinha frita.

Mr. Queen despertou-o.

— O meu nome — disse — é Smith; acabo de desembarcar em Wrightsville e ando à procura de uma pequena casa mobilada para arrendar ao mês.

— Prazer em conhecê-lo, Mr. Smith — respondeu J. C., lutando para vestir o casaco de serviço. — Livra, está quente! Casa mobilada, hem? Vê-se logo que o senhor é um forasteiro. Não há casas mobiladas em Wrightsville, Mr. Smith.

— Então, talvez, uma parte de uma casa mobilada...

— O mesmo — J. C. bocejou. — Desculpe-me. Está a aquecer, não?

— É verdade — disse Ellery.

Mr. Pettigrew reclinou-se na cadeira giratória e tirou dos dentes um fiapo de galinha com um palito de marfim, examinando-o depois atentamente.

— As moradias são um problema. Sim, senhor. Tem-se derramado gente na cidade como grãos num celeiro. Principalmente para trabalhar na oficina mecânica. Espere um minuto.

Mr. Queen esperou.

— Decerto! — J. C. sacudiu delicadamente do palito o fiapo de galinha. — Mr. Smith, o senhor é supersticioso?

Mr. Queen mostrou-se alarmado.

— Parece-me que não.

— Nesse caso... — disse J. C., animando-se, depois, deteve-se.

— Qual é a sua ocupação? Não que faça diferença, mas...

Ellery hesitou.

— Sou escritor.

O corretor imobiliário ficou de boca aberta.

— O senhor escreve *histórias*?

— Isso mesmo, Mr. Pettigrew. Livros e coisas semelhantes.

— Bem, bem — disse J. C., radiante. — Tenho muita honra em conhecê-lo, Mr. Smith. Smith... Mas é engraçado — acrescentou J. C. — Eu também sou homem de leituras e, no entanto, não me lembro de nenhum autor chamado... como é que o senhor disse que era o seu primeiro nome, Mr. Smith?

— Eu não o tinha dito, mas é Ellery. Ellery Smith.

— Ellery Smith... — repetiu J. C., refletindo.

Mr. Queen sorriu.

— Eu escrevo sob pseudónimo.

— Ah? Sob o pseudónimo de...? — Mas vendo que Mr. Smith se limitava a sorrir, Mr. Pettigrew esfregou o queixo e acrescentou: — O senhor decerto apresentará referências?

— Três meses de renda adiantados dar-me-ão bom nome em Wrightsville, Mr. Pettigrew?

— Ora, como não! — e J. C. arreganhou os dentes. — Venha comigo, Mr. Smith. Eu tenho precisamente a casa que o senhor procura.

— Que é que o senhor queria dizer ao perguntar-me se sou supersticioso? — indagou Ellery, depois que ambos subiram para

o *coupé* verde-ervilha de J. C. e partiram. — A casa é mal-assombrada?

— Hum... não — respondeu J. C. — Mas há uma história curiosa, relacionada com aquela casa. Podia fornecer-lhe bom assunto para um dos seus... dos seus livros, hem? — Mr. Smith concordou. — Essa casa é junto da residência do próprio John F., no Hill. É de John F. Wright que estou a falar. O presidente do Banco Nacional de Wrightsville. A família mais antiga da cidade.

«Pois bem, há três anos, uma das três filhas de John F. — Nora, a do meio — ficou noiva de um tal Jim Haight. Jim era o primeiro tesoureiro do banco de John F. Não era daqui — tinha vindo de Nova Iorque para Wrightsville uns dois anos antes, com excelentes recomendações. Começou como ajudante do caixa e estava progredindo. Rapaz sério, o Jim: afastava-se dos maus elementos, ia muito à biblioteca, não se divertia quase, penso eu — assistia a um ou outro filme no Bijou, de Louie Cahan, ou ficava parado por ali, nas noites de concerto da banda, com os outros rapazes, vendo as pequenas desfilar para cá e para lá, a comer bombons. Trabalhava com afinco. Era muito ativo o Jim. E independente? Olhe, nunca vi um rapaz viver tão sobre si como o Jim. Todos nós gostávamos imenso dele.»

Mr. Pettigrew suspirou, e Ellery admirou-se de que um assunto tão aprazível o deixasse deprimido.

— Suponho que Miss Nora Wright gostasse dele mais do que qualquer outra pessoa — disse Ellery, para lubrificar as rodas da narração.

— É um facto — murmurou J. C. — Estava louca pelo rapaz. Antes da chegada do Jim, ela era uma menina sossegada. Nora usa óculos e acho que isso a fazia pensar ser pouco atraente para os rapazes; pois, enquanto Lola e Patty saíam a passear com os companheiros, ela costumava ficar em casa, lendo, costurando, ou ajudando a mãe nos trabalhos de organização. Pois bem, o Jim veio

modificar a situação. Não era dos que se assustam com um par de óculos. Nora é uma pequena bonita. O Jim arrastou-lhe a asa, e ela mudou ... Livra, como ela mudou!

«Acho que estou a tagarelar de mais — disse J. C., franzindo o sobrolho. — De qualquer modo, o senhor entende o que quero dizer. Quando Jim e Nora ficaram noivos, o povo disse que era um esplêndido casamento, principalmente depois do que tinha acontecido com Lola, a filha mais velha do John.»

— Que foi, Mr. Pettigrew? — interpôs, vivamente, Ellery.

J. C. desviou o carro para uma larga estrada. Iam já a boa distância da cidade e Ellery arregalou os olhos para a succulenta verdura do campo.

— Eu falei alguma coisa de Lola? — perguntou, languidamente, o corretor imobiliário. — Pois... a Lola tinha fugido de casa com um ator de uma companhia em digressão. Passado algum tempo, ela voltou divorciada a Wrightsville.

J. C. cerrou os lábios com determinação, e Mr. Queen compreendeu que não ouviria mais nada acerca de Lola Wright.

— Bem, de qualquer forma — prosseguiu J. C. —, John e Hermione Wright resolveram dar a Nora e a Jim uma casa mobilada como presente de casamento. John demarcou uma parte da propriedade junto da sua casa e mandou construir a casa, bem ao pé da porta, pois Henry queria ter Nora tão perto de si quanto possível, visto que já tinha ... perdido uma das filhas.

— Lola — acudiu Mr. Queen, acenando com a cabeça. — Divorciada, diz o senhor? Voltou para casa, depois. Quer dizer que Lola Wright não mora com o pai e a mãe?

— Não — disse o outro, secamente. — De modo que John construiu uma linda casinha de seis assoalhadas para Jim e Nora, ao lado da sua. Hermione tinha começado a pôr os tapetes, a mobília, os cortinados, as roupas de quarto, a prataria — essas coisas todas — quando, de repente, aconteceu aquilo.

— Que foi? — perguntou Mr. Queen.

— A falar verdade, Mr. Smith, ninguém sabe — disse o corretor imobiliário, com ar mistificado. — Ninguém, a não ser Nora Wright e Jim Haight. Foi na véspera do casamento. Tudo parecia ir às mil maravilhas quando o Jim Haight deixou a cidade! É um facto. Foi-se embora. Isso deu-se há três anos, e ele nunca mais voltou.

O carro ia galgando uma subida serpenteante. Ellery via amplas habitações antigas sobre voluptuosos relvados, e ulmeiros, áceres, ciprestes e chorões que se elevavam acima das casas.

Mr. Pettigrew fitou, de cenho franzido, a Hill Drive.

— Na manhã seguinte, John F. encontrou um pedido de demissão no banco, em cima da secretária de Jim. Mas nenhuma alusão à causa da sua partida. E Nora não quis dizer uma única palavra. Fechou-se no quarto e não saiu mais, apesar dos rogos do pai, da mãe, da irmã Patricia e até da velha Ludie, a empregada que, a bem dizer, criou as três meninas Wright. Nora não fazia mais do que chorar continuamente no quarto. A minha filha Carmel e Patty Wright são unha com carne, e Pat contou tudo a Carmel. A própria Pat chorou bastante naquele dia. Desconfio que o mesmo se deu com os outros.

— E a casa — murmurou Mr. Queen.

J. C. dirigiu o veículo para a beira da estrada e desligou o motor.

— Adiou-se o casamento. Todos pensávamos que o Jim havia de aparecer, julgando que tudo não passava de uma zanga de namorados. Mas ele não veio. Qualquer que fosse a causa do rompimento, deve ter sido muito grave! — O corretor imobiliário sacudiu a cabeça. — De modo que lá ficou a casa nova, pronta para ser habitada e sem ninguém que a ocupasse. Para Hermione foi um golpe terrível. Hermy deu a entender que Nora tinha mandado passear o Jim. Mas o povo continuou a dar à língua, e depois de algum tempo... — Mr. Pettigrew hesitou.

— E então? — indagou Ellery.

— Depois de algum tempo, começaram a dizer que Nora perdera o juízo, e que a casa dava azar.

— Azar!

J. C. teve um sorriso constrangido.

— Engraçado como certa gente é... Pensar que a casa tinha alguma coisa que ver com o rompimento dos dois! E, naturalmente, Nora nada tem de anormal. Quero dizer, ela não está maluca. Ora, maluca!

J. C. murmurou desdenhosamente.

— Não foi só isso. Quando se convenceram de que o Jim não voltaria, John F. decidiu vender a casa que tinha construído para a filha. Em breve, apareceu um comprador, parente de Clarice, a mulher do juiz Martin; um homem chamado Hunter, do ramo da família estabelecido em Boston. Eu estava encarregado do negócio.

J. C. voltou a baixar a voz.

— Mr. Smith, dou-lhe a minha palavra de que eu tinha levado o tal Mr. Hunter a casa, para uma última vista de olhos, antes da assinatura do contrato; estávamos a ver a sala de estar e Mr. Hunter ia dizendo: «Não me agrada o sofá naquele lugar», quando, de repente, fez uma cara como de apavorado, levou a mão ao coração e caiu bem na minha frente! Morreu ali mesmo! Eu passei uma semana sem dormir.

Pettigrew enxugou a testa.

— O doutor Willoughby disse que foi colapso cardíaco. Mas não era isso o que o povo dizia. Jurava que fora a casa. Primeiro, o Jim fugiu; depois, o comprador caiu morto. E, para agravar ainda mais a situação, um mequetrefe de um repórter do *Record*, de Frank Lloyd, noticiando a morte de Hunter, chamou à habitação «Vivenda Calamidade» na sua reportagem. Frank despediu-o. Frank é amigo dos Wright.

— Ora, que tolice! — riu Mr. Queen.

— Fosse como fosse, ninguém queria comprar — resmoneou J. C. — John pôs a casa a arrendar. Ninguém a quis arrendar. Muito azar, diziam. Ainda quer arrendar, Mr. Smith?

— Sim, sem dúvida — respondeu Mr. Queen, jovialmente.

J. C. pôs de novo o carro em movimento.

— A família parece ter má sorte — observou Ellery. — Uma filha foge de casa, outra com a vida estragada por um caso de amor. E a filha mais nova é normal?

— Patricia? — J. C. resplandeceu. — A garota mais bonita e elegante da cidade, depois da minha Carmel! Pat anda de namoro com Carter Bradford. Cart é o novo promotor... Aqui estamos!

O corretor imobiliário guiou o *coupé* para o caminho de entrada de uma casa em estilo colonial, construída na encosta da colina, longe da estrada. Era a casa maior, e as árvores do terreno as mais altas, que Ellery vira no Hill. Ao pé da casa grande havia outra pequena, de madeira, com os postigos cerrados.

Durante todo o percurso até ao amplo varandim dos Wright, Mr. Queen não tirou os olhos da casinha desocupada e silenciosa que tencionava arrendar.

J. C. tocou então a campainha e a velha Ludie, num dos seus famosos aventais engomados, abriu a porta da frente e, de maus modos, perguntou-lhes o que queriam.